



Eliane Potiguara

QUESTÃO INDÍGENA BRASILEIRA

Visto minha própria
pele sem medo

cultura

Por muito tempo, ouvi rumores e relatos sobre uma guerrilha Potiguara incansável e imbatível na luta pelos direitos dos povos originários no Brasil. Os sucessos de importantes encontros, das reuniões *Wakana* (Povo, Reunião com Bili) *Banga* (o que levou a mudanças de que muitas coisas de uma ou outra aldeia, assim por uma especial prática de observação indispensável). Uma reunião filtrada nas possibilidades de liberdade e das suas relações, pelos Espíritos de Guaranis e Guaranis.

Essa Potiguara Potiguara, assim a liderança dos nossos povos, curando a origem e projeto luzes e cura por onde anda e no que escreve. Mais uma vez somos agradecidos pelo instinto e coragem e a inspiração de quem tem expressado ideias e sabedorias que ►

Eliane Potiguara

QUESTÃO INDÍGENA BRASILEIRA

**Visto minha própria
pele sem medo**

editora

2024 © ELIANE POTIGUARA
2024 © EDITORA DE CULTURA
ISBN 978-65-5748-053-3

Todos os direitos desta edição reservados

EDITORA DE CULTURA LTDA.
Rua Bacunhas, 180
CEP 03127-060 – São Paulo – SP
Fone: 55 (11) 2894-5100
atendimento@editoradecultura.com.br
www.editoradecultura.com.br

*Partes deste livro poderão ser reproduzidas,
desde que obtida prévia autorização escrita
da Editora e nos limites da Lei no 9.610/98,
de proteção aos direitos de autor.*

Primeira edição: maio de 2024
Impressão: 5ª 4ª 3ª 2ª 1ª
Ano: 28 27 26 25 24

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

P811q

Potiguara, Eliane, 1950-

Questão indígena brasileira : visto minha própria pele sem medo / Eliane

Potiguara ; [organização Diego Pastana]. – 1. ed. – São Paulo : Cultura, 2024.

128 p. ; 18 cm.

ISBN 978-65-5748-053-3

1. Indígenas da América do Sul - Usos e costumes. 2. Mulheres indígenas - Brasil
- Condições sociais. I. Pastana, Diego. II. Título.

24-68174

CDD: 940.41

CDU: 94(=87)(81)



Sumário

Primeiras palavras	9
1. Compreender a história é um passo	13
2. Espiritualidade em águas indígenas	51
3. Pedagogia da natureza	57
4. Povos étnicos e sua sobrevivência no mundo globalizado	69
5. Literatura indígena: para quem?	83
6. Livre pensar sobre teatro mito-ritualístico brasileiro, por José Ribamar Mitoso	96
Palavras finais	108
Saber mais	113
Sobre a autora	124

Primeiras palavras

Ler é libertar-se.

Um Estado que não oferece as condições necessárias para que a mulher se sinta amada em sua plenitude é um Estado que abandona suas filhas às margens da vida. A mulher desamada tem sua alma esfacelada, sua dignidade interrompida, sua autoimagem deplorável. Ela grita, ela chora, ela retumba... E nesse ato ela se torna guerreira, combativa e atuante. É a mulher militante. Ela então busca a conexão com a natureza para que seu discurso se transforme e seu povo se reconheça como as primeiras nações do planeta Terra. Nesse reconhecimento, dá-se então a valorização de seu território ancestral. Seu corpo faz parte desse território, assim como sua cultura, sua língua, suas tradições, sua medicina natural, sua ancestralidade; a educação das crianças e dos jovens, as relações interpessoais, o trabalho

na terra, o cultivo dos alimentos, a caça e a pesca, o *modus vivendi*, o desenvolvimento comunitário entre outros atributos.

Nesse instante, ela, glorificada, reconstrói sua essência de mulher guerreira. Isso se dá em ciclos e um sonho em seus olhos brota diariamente para que a força da sua natureza resista à violência, à matança, à destruição das famílias. Por que aguentamos tantas violências?

Tempos são passados e ela vê brotar a luz da esperança. Seus rebentos serão guerreiros e guerreiras. A mulher leva adiante junto à comunidade a pedagogia da natureza, cujos personagens principais são os rios, os mares, as matas, enfim, o meio ambiente de sua cultura: a Mãe Terra e sua ancestralidade. Nesse contexto, dá-se o fortalecimento da cultura indígena e, conseqüentemente, o fortalecimento da sua identidade como povo, como alma e espírito.

Diante disso, ela clama a Oração à Natureza, porque reconhece que algo maior rege a vida de seu povo, de seu corpo, de sua luz.

ter participado de dezenas de assembleias indígenas em todo o país.

Em 2011, fui nomeada Embaixadora Universal da Paz em Genebra, Suíça. Tive meu nome indicado, para trabalhar a favor da paz no mundo, em reunião do Círculo Universal dos Embaixadores da Paz, entidade ligada a ONU

Desde 2000, tenho participado de centenas de seminários e palestras em universidades, feiras literárias, bienais do livro e eventos pelo Brasil afora. Publiquei vários livros, dentre eles *A terra é a mãe do índio* (Grumin Edições, 1989), premiado pelo Pen Club da Inglaterra, *O pássaro encantado* (Jujuba Editora, 2012), *A cura da Terra* (Editora do Brasil, 2015) e *Metade cara, metade máscara* (Grumin Edições, 2018).

Contato: @elianepotiguara



Eliane Potiguara. Foto de Ana Marina Coutinho.

► apontam para a cura da terra e para respeito aos direitos dos povos indígenas no Brasil, especialmente aos direitos das mulheres indígenas.

Leitura obrigatória para quem busca a superação dos escombros modernos e vislumbra um mundo fundado no respeito à vida em todas as suas dimensões. Brindemos ao reencontamento!

Edson Kayapó

Historiador, escritor, ativista indígena e ambientalista.

Neste livro, Eliane Potiguar veste sua própria pele e as de tantos indígenas que, no decorrer do processo histórico brasileiro, têm sido espoliados de sua cultura e de sua terra.

A autora desvenda, em diferentes momentos históricos brasileiros, a luta constante dos povos originários na defesa de seus direitos. Assim, por meio de uma visão crítica (e ao mesmo tempo poética), Potiguará revela o processo de exploração dos povos originários, além de destacar a relação profunda existente entre indígenas e natureza, a grande mãe.

Cabo Rillo, escritor

